



A. Estado, Poderes e Sociedade

B. Estruturas Produtivas, Trabalho e Profissões

C. Educação e Desenvolvimento

D. Território, Ambiente e Dinâmicas Regionais e Locais

E. Cultura, Comunicação e Transformação dos Saberes

F. Família, Género e Afectos

G. Teorias, Modelos e Metodologias

Sessões Plenárias

A RUA COMO CONTEXTO DE REDIFINIÇÃO IDENTITÁRIA^[1]

João Sebastião^[2]

Originárias de grupos sociais pobres, as crianças de imediato são confrontadas durante o processo de integração na rua com o seu primeiro grande desafio — a necessidade de assegurarem autonomamente a sua sobrevivência. Marcadas por percursos escolares em que o insucesso foi norma, não possuem competências profissionais que lhes permitam angariar os meios necessários segundo formas consideradas como legítimas. Sobrevivem assim num quadro de constrangimentos fortemente penalizante da sua integridade física e psíquica, que os pressionam para a adopção de modos de vida que integram estratégias típicas de situações de economia marginal. Gostaria de referir que, quando aqui falamos de “rua”, falamos de um território com contornos mais ou menos fluidos, centrado na Baixa da cidade de Lisboa, no qual se entrecruza uma densa rede de relações sociais, com actores sociais que possuem graus diferenciados de permanência e intervenção nesse território - do polícia ao vendedor ambulante ou o automobilista que apenas estaciona o carro durante um período curto de tempo. Como principais estratégias de sobrevivência identificámos: — *o fechamento e a privatização de determinados espaços públicos urbanos*, como forma de assegurar um conjunto de recursos que são, por natureza, precários e incertos; — *a constituição de grupos/bandos* como instrumentos capazes de assegurar e aumentar as possibilidades de sucesso desse processo de fechamento e autodefesa; — *o imediatismo e os excessos de consumo* que constituem uma forma de gestão dos recursos adaptada às ameaças exteriores e de compensação das dificuldades quotidianas. — *o accionamento de processos de reorientação identitária* que levam à redefinição da imagem que cada criança tem de si própria, possibilitando, de forma coerente, a integração em novas redes de relações. É precisamente esta última que, em íntima articulação com as anteriores, parece assumir um papel charneira na adaptação de cada criança ao seu novo estatuto de *criança da rua*, razão pela qual nos debruçaremos sobre ela mais aprofundadamente.

A identidade, seja ela individual ou colectiva, constitui-se através de um prolongado processo em que cada sujeito integra as diferentes experiências que realiza, construindo uma imagem de si, coerente, através da qual reconstitui o seu mundo social. Se a base da construção da identidade pode ser encontrada na socialização primária, esta transforma-se e reformula-se ao longo da vida do sujeito, através de sucessivos processos socializadores, sem que isso signifique a perda do sentimento de continuidade entre os diferentes momentos da sua existência. É a construção de uma organização coerente entre o sujeito e o meio social que lhe permite manter a continuidade da sua história pessoal, mesmo em situações de crise.

A identidade, como resultado desse processo interactivo, surge como um sistema aberto sobre o meio, possuidor de uma dinâmica em que as avaliações realizadas por terceiros assumem um papel decisivo. A oposição ao *outro* assume uma importância fulcral, porque é a partir dela que se constroem os mecanismos de pertença e referência, num processo contínuo de atribuição/reconhecimento e adesão/exclusão. É nesta dialéctica entre auto e heteroavaliações que a identidade se organiza e interfere com a própria estrutura da personalidade.

Perante contextos relacionais e materiais degradados, as crianças e jovens, ao integrarem-se nas redes de relações existentes na rua, experimentam situações de interacção que favorecem a redefinição da sua identidade. Nesse contexto, accionam um conjunto de procedimentos que Lipiansky (1990) designa de *estratégias identitárias* e que representam um dos processos pelos quais as crianças reconstituem o seu mundo social.

Se a plena integração na vida da rua não implica uma profunda mudança nos modelos culturais, o mesmo não se poderá dizer dos papéis que cada um deverá desempenhar. Existem nos contextos de socialização familiar destas crianças traços, como a imprevisibilidade e a violência e experiências

de iniciação aos códigos da rua, que contribuem para estabelecer uma linha de continuidade entre esses contextos e a vida na rua.

Contudo, o novo quadro de vida, com a exigência da sobrevivência autónoma, obriga a que cada criança seja capaz de mobilizar, de forma rápida e geralmente violenta, determinados elementos que Taboada-Leonetti (1990) designa como *pólos de cristalização identitária*, que funcionam como *pontos-charneira* do processo de reorientação identitária. Entre esses *pólos de cristalização identitária* encontram-se alguns rituais de iniciação que se destinam a pôr à prova os recém-chegados e a provocar a adesão e reconhecimento dos objectivos do grupo. São rituais que sobrevalorizam as demonstrações de valentia e resistência ao sofrimento, colocando os diferentes iniciados perante a sua capacidade real para aguentar as diferentes situações de sofrimento e violência com que irão deparar. Pudemos identificar alguns desses rituais, sendo uns destinados a testar a resistência à dor e outros às ameaças:

— acelerar;

— para os rapazes, condicionar a aceitação no grupo pela reacção à ameaça de eventuais práticas sexuais homossexuais;

— ser acusado de betinho e mantido à distância até conseguir demonstrar o seu valor.

Outro pólo identitário consiste na reafirmação constante da *oposição betinhos/dreads* e o *sublinhar da importância do grupo*, criando um sentimento de fusão afectiva no seu interior.

A oposição betinhos/dreads tem como objectivo pressionar a adesão a uma concepção de si coerente com a identidade social das crianças da rua, sem que seja sentida uma ruptura na identidade individual.

O “betinho”, mais que uma oposição de classe, representa o “outro identitário”, o oposto que possibilita criar o próprio “eu” (individual e colectivo). O betinho é acima de tudo o que uma criança da rua não é nem pode ser — dependente dos pais, conformista, medroso, sem iniciativa. Para o dread os limites são aqueles que ele próprio e o grupo se auto-impõem.

P — *E antes de conheceres o (...) o que é que tu fazias ?*

R — *'Tava em casa, era um betinho... agora sou dread!*

P — *O que é ser dread? O que é que um dread faz?*

R — *É ser bacano, fixe. Um dread... olha ... fuma o seu cigarro descansado... faz tudo. (...) . O dia do betinho é ir às aulas todas, depois vir-se embora p'a casa, jantar, caminha... agora o dread não... fica, não vai às aulas... come e não se deita, 'inda vê televisão até às tantas e tal da manhã, isso é qu'ê ser um dread... agora os betinhos não, os betinhos são roubados, agora os dreads não, os dreads...*

P — *E se aparecer um gajo maior que tu e te quiser roubar?*

R — *Vem-me roubar? ... Ai ... ai ... roubar-me, pode vir ele e trinta como ele, se eu não tiver mãos pr'a ele há pedras, há paus, há navalhas, há tudo... não tenho medo!*

Ser “dread” representa estabelecer uma relação coerente entre o actor social “criança da rua” e o meio social envolvente. Estes mecanismos assumem um papel central porque permitem agir sem que existam contradições internas na identidade do indivíduo, que provocariam uma ruptura na continuidade da história pessoal da criança e o deixariam sem capacidade de resposta às diferentes situações com que é obrigado a confrontar-se.

P — *Então diz-me lá uma coisa, tu não és beto mas gostas de andar com a roupa dos betos, não ficas parecido com um?...*

R — *Não é bem andar c'a roupa dos betos... aquela roupa é dread... a roupa é dread só qu'eles são betos de mais p'andarem c'aquela roupa... e nós somos dreads podemos andar c'aquela roupa...*

Um último mecanismo identitário é constituído pelo *sentimento de adesão e fusão afectiva com o grupo*, elemento decisivo para enfrentar as situações de dificuldade com que se confrontam quotidianamente. Identificámos vários grupos na zona central de Lisboa, assumindo todos funções semelhantes no que diz respeito ao assegurar da sobrevivência, protecção e referente identitário.

O sentimento de pertença a um grupo contribui decisivamente para que os seus membros se sintam integrados, pois se reconhecem nessa imagem e sentem que são reconhecidos pelos outros.

O grupo tem assim uma dupla função psicológica de integração e adaptação das crianças, fornecendo-lhes um conjunto mais ou menos estruturado de elementos identitários (o sentimento de eleição pela pertença ao grupo, um estatuto, objectivos identitários) que lhes permitem nas diferentes situações de interacção agir enquanto actores sociais possuidores de uma coerência própria.

Para concluir podemos afirmar que o accionamento destas estratégias identitárias possui um papel fundamental na reconstrução do mundo social destas crianças, contrariando assim a ideia de que vivem num mundo de anomia, sem referências ou solidariedades. Podemos sim afirmar que a construção de identidades marginais, ao gerarem e sobrevalorizarem os laços internos de tipo comunitário, se mostram frequentemente incapazes de produzir laços com a restante sociedade, contribuindo para o aprofundar das situações de exclusão e marginalidade em que vivem.

Referências Bibliográficas

- Gros, M. Christine (1994), "Estratégias identitárias num território desqualificado" in AAVV, *Dinâmicas culturais, cidadania e desenvolvimento local*, APS, Lisboa, pp. 471-494.
- Lipiansky, M. e outros (1990), "Introduction à la problématique de l'identité", in Camilleri, Carmel e outros, *Stratégies identitaires*, PUF, Paris, pp.7-26.
- Lucchini, Riccardo (1990), "Identidade e sobrevivência: as crianças da rua no Brasil", in *Infância e Juventude* 90-3, DGSTM/MJ, Lisboa, pp. 9-42.
- Maffesoli, Michel (1988), *Le temps des tribus*, Meridiens Klincksieck, Paris.
- Pinto, J. Madureira (1991), "Considerações sobre a produção social da identidade", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 32, Coimbra, CES, pp. 217-231.
- Sebastião, João (1995), "Modos de Vida Marginais: o caso das crianças da rua de Lisboa", *Infância e Juventude*, 95-2, DGSTM/Ministério da Justiça, Lisboa, 1995, pp. 9-128.
- Taboada-Leonetti, Isabelle (1990), "Stratégies identitaires et minorités: le point de vue du sociologue", in Camilleri, Carmel e outros, *Stratégies identitaires*, PUF, Paris, pp. 43-84.

[1] Este texto tem como base o trabalho desenvolvido pelo autor no âmbito da Dissertação de Mestrado em Sociologia, realizada no ISCTE em 1995. A sua versão completa poderá ser encontrada em Sebastião, João (1995), "Modos de vida marginais: o caso das crianças da rua de Lisboa" in *Infância e Juventude*, 95-2, Lisboa, Instituto de Reinserção Social.

[2] Docente na Escola Superior de Educação de Santarém. Investigador do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia/ISCTE.